

A TESSITURA DA HISTÓRIA DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

Roberto Silva Muniz

UFCG

muniz.roberto@hotmail.com

Diz-se que um labirinto é múltiplo, etimologicamente, porque tem muitas dobras. O múltiplo é só ter muitas partes, mas é dobrado de muitas maneiras.

DELEUZE, Gilles. A dobra

O que é a história, se não uma dobra entre no passado a partir do presente. O mais do que dobrar e por que não podemos pensarmos em desdobrar!?, mostrar portanto como o passado nos é construído, e assim constituímos uma outra dobra pois como nos inspira Deleuze é preciso produzir uma dobra no passado, já que repetir o passado seria a segmentação, enquanto dobra é a possibilidade para que algo se reinvente e assim começa a possibilidade de se contar uma outra história explorando este lugar sublime do historiador que é o tempo “presente”. E porque não pensá-lo em discutir do lugar da tessitura da sua história onde o historiador desloca o passado e reinventando o seu presente.

Pois este texto nasce de um confronto o meu presente com este passado que insistia em me segmentar me transformando no início em admirador, ou melhor, em um contemplador deste passado em questão que é a história das Ligas Camponesas e assim nasceu o problema que deu começo a tessitura da minha dissertação, “como se produziu historicamente o camponês como um corpo escrito” e função deste problema comecei a também me preocupar com a escrita sobre o líder camponês João Pedro Teixeira da Liga Camponesa de Sapé questão essa que procuro discutir neste artigo, pois à medida que a escrita que se apossa do seu corpo acaba por também monumentalizá-lo por meio

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

de uma memória histórica. No entanto ao invés de transformar este artigo logo de início em uma exegese de um método vamos entra nessa história do herói camponês.

No dia três de março de mil novecentos e sessenta e dois é manhã na cidade de João Pessoa, na então capital da Paraíba, jornais como *A União, O Norte e Correio da Paraíba* iram trazer como manchete de primeira página a notícia de bárbaro crime, como ficou comumente conhecido na Paraíba a notícia do bárbaro crime como ficou noticiado na época. É assim é dada a primeira notícia no jornal que logo se esgotará, sendo assim o jornal parte para a sua segunda edição. Passamos finalmente a manchete do jornal,

João Pedro Teixeira, (...) foi morto em emboscada e a tiros de fuzil, ontem à tarde, na estrada Café do Vento – Sapé. Voltava para casa, regressando de João Pessoa levando cadernos e livros para seus filhos. Seu corpo, visto no Hospital de sapé, apresentava cinco ferimentos a bala, em cima do coração outro no peito direito e um na região glútea, que a perícia supõe ter sido o primeiro disparo, além de mais dois no abdômen. Os disparos foram feitos de tocaia, o matador amparado num capitão do mato, situado a margem esquerda da estrada.ⁱ

E assim é dada a primeira notícia sobre a morte e assassinato de João Pedro Teixeira. Escrita esta que nos coloca no evento do crime e que, no entanto pouco se fala sobre o morto em questão a primeira vista, mas que, no entanto da início a uma maquinação de um rosto, ou seja, um pai que é violentamente assassinato quando vinha de João Pessoa, trazendo para os seus filhos livros e cadernos. Depois de mostrar João Pedro Teixeira como um pai zeloso que morreu quando trazia cadernos e livros para os seus filhos, os seus narradores começam a dar destaque para o crime que aconteceu como uma emboscada sem que a própria vítima tenha tido uma chance por mais mínima que seja de escapar de tal tocaia. E assim é encontrado o líder camponês por Severino Pequeno quando seu corpo ainda agonizava no chão. E assim o Jornal nos manda que pulemos para a outra página para irmos de encontro à continuidade da manchete e para também descobrirmos quem era João Pedro, pois é sempre bom lembrarmos antes da

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

sua morte os jornais pouco escrevia sobre ele. A morte torna-se condição para que seu corpo seja escrito pela maquinaria escriturística que em função dessa economia escriturística produz um corpo de herói para atender as necessidades de uma época. Necessidade da época criar clima de revolta

Então atendemos ao pedido do jornal e pulemos para a página seguinte de encontro ao resto da manchete, e assim se instaura a possibilidade de sabermos mais um pouco sobre quem era João Pedro Teixeira.

João Pedro era líder mais atuante das Ligas Camponesas, sendo um dos fundadores, pelo o seu trabalho de orientação e esclarecimento dos camponeses foi escolhido como Vice-Presidente da Federação das Ligas, representando-a no último congresso de camponeses realizado em Belo Horizonte. Como líder apenas liderava sem a preocupação de se destacar dos companheiros. Morreu com cerca de 40 anos, deixando 9 filhos sendo que o mais novo tinha poucos meses. Até as 23 horas sua esposa ainda não havia chegado ao hospital, onde se encontrava o corpo.ⁱⁱ

Muito mais do que idéia é preciso sim colocar idéia a favor da imagem dos personagens públicos, devemos pensar a imprensa como uma maquinaria de espetáculo, ou seja, como produtora do espetáculo. Pois como nos fala Roger-Gerád Schwartzenger *a política se faz por encenação*ⁱⁱⁱ, não que encenação seja mentira como um drama ficcional mas, sim que ela é constantemente publicizada para que envolva as pessoas como um espetáculo teatral, e sobretudo para que o espectador também saia do lugar de espectador passando a fazer parte do próprio espetáculo encarnado idéia e gestos do próprio espetáculo que antes havia sido mero espectador passando assim ser também protagonista do drama, assim como da trama do poder.

A política do espetáculo da morte de João Pedro se destaca pela sutileza inicial para criar na Paraíba um clima de revolta devido a sua morte sendo assim preciso publicizar “*quem era primeiro João Pedro?*” já que ele até o então momento para os seus leitores, João Pedro Teixeira não era uma pessoa pública conhecida fora os limites de Sapé. A imprensa com os fios das tessituras vão compondo a rostidade do líder atuante que apenas liderava sem preocupação dos demais companheiros, agenciando

fora às qualidades do líder fundador e modesto e pouco vaidoso diante do poder que exercia como liderança e somada à imagem de líder morto brutalmente o fato de ele ter sido morto aos quarenta anos, deixando nove filhos órfãos sendo que o mais novo tinha poucos meses.

E assim a escrita começa a se apropriar do seu corpo compondo assim imagem pública do herói camponês, imagem essa que não se configura pela redundância de atributos físicos ou estéticos, mas, por atributos como coragem, humildade e amor ao próximo, mas pela imagem publicizada. Como podemos perceber nesta fala reatualizada por Elizabete Teixeira:

“Não quero morrer. Não tenho medo de morrer por causa dessas coisas, mas é melhor do que morrer de fome...Você e meus filhos podem ir fico com os retratos. Mas não me acovardo”^{iv}.

O herói nada é sem sua trama. Pois sem trama pode se torna mero figurante de um drama. O herói é construído mediante a publicização da sua vida, não nos interessa saber se é verdade ou mentira mais entender a tessitura política que dá contornos a sua narrativa como também a economia da sua imagem como forma de subjetivar os seus expectadores, pois a imagem é recurso pedagógico estratégico, qual envolve o receptor com facilidade, excluindo a reflexão e criando a ilusão de conhecimento. Pois na concepção de Marilena Chauí^v, as imagens podem ser consideradas como um espelhamento ampliado e iluminado de uma experiência imediata, dotada da capacidade de unificar aquilo que nesta última aparece fragmentariamente. Unindo o disperso a imagem, o espelho dos dados imediatos, exclui a reflexão e, simultaneamente, cria a ilusão de conhecimento graças ao seu aspecto ordenador. Por isso a necessidade de se produzir um herói camponês, e, sobretudo publicizar a sua imagem para que ela também sirva de lugar de verdade para outro que queira assumir a sua luta, pois as narrativas que se apossam do seu corpo cria também um modelo para ser seguido;

...seu peito atlético ficou tão estragado, que à primeira vista não erraríamos em pensar que os latifúndios usaram foices em vez de fuzil. Eu vi Pedro

morto. Estava barbado, os olhos semi-abertos e vidrados a fonte calva e luzida como se estivesse vivo, os lábios cerrados, cara de homem; seu corpo comprido, crivado de balas e entornado de sangue **parecia a imagem de Jesus morto.**^{vi}

Um recurso visível nesta produção maquina da imagem do herói camponês se da pela configuração simbólica, marcada para isso pela descrição que converge para o território da sacralização à medida que Jório Machado narrador então do acontecimento a próxima a imagem de João Pedro Teixeira da imagem sacralizada de Jesus Cristo. Segundo Schwartzenger essa associação feita Jório Machado ao associar a imagem de Jesus Cristo com a de João Pedro Teixeira, se utilizar da imagem de Jesus Cristo como um rótulo de credibilidade para João Pedro;

...a imagem faz conhecer ou reconhecer. Ela cria ou consolida a notoriedade ao servir de símbolo visível e tangível. Quando suficientemente caracterizada e individualizada, capta o interesse do público. O perfil, suficientemente trabalhado, prende a atenção.^{vii}

Muito mais do que consolidar a figura do herói camponês das Ligas Camponesas, a imprensa paraibana fortemente marcada pela política da sua época que era conscientizar os camponeses de seu papel histórico de que sua luta convergia para a revolução, ou seja, a derrubada do capitalismo com passagem direta via socialismo de ida sem volta para o comunismo. Fazer da morte de João Pedro Teixeira uma espetacularização é torná-lo visível e tangível, e sim não deixar que o medo se instaure sobre as pessoas e sim torná-lo um exemplo a ser seguido para outros que queiram seguir ou assumir a sua luta. É também uma forma de não deixar que outros destruam sua imagem pública em configuração construindo outra imagem para João Pedro Teixeira como a de *vagabundo que ao em vez de trabalhar, ficava de conversa com os outros... coisas de comunista que não tinha o que fazer...negro safado*^{viii}. Podemos perceber então que a imagem pública um território de disputas constantes.

Toda a espetacularização diante do assassinato de João Pedro Teixeira, acaba por promover uma grande movimentação. Chegando então a cidade de Sapé,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

camponeses de todos os lugares segundo os jornais. Assim o jornal “A União”, sob o título “cinco mil camponeses foram ao enterro de João Pedro” matéria escrita pelos jornalistas Gonzaga Rodrigues e Severino Ramos, mostrou assim a dimensão do enterro:

Sem uma nota de desânimo, esperando o dia inteiro para acompanhar o corpo de João Pedro até o cemitério cinco mil camponeses concentraram-se, ontem em Sapé, para o sepultamento do seu líder. Assassinado na tarde de terça-feira, só ontem pela manhã espalhou-se pelos campos a notícia de que João Pedro Tinha morrido. Depois que a notícia correu mundo, pararam as enxadas de Miriri, Barra, Sobrado, Antas, Mamaguape, Guarabira e Santa Rita, homens e mulheres enchendo as estradas em busca de Sapé. Na cidade, de 9 da manhã até a hora do enterro, milhares de camponeses dividiram-se em aglomerações defronte do hospital, fazendo *cada um pequeno comício*. Em todas elas o assunto era João Pedro e a curiosidade girava em torno das versões, sempre várias, mas quase todas convergiam um só nome: o mandante^{ix}.

O jornal “Correio da Paraíba” também deu a sua visão do acontecimento:

Quando o corpo do líder morto saiu do necrotério, uma multidão de milhares de pessoas se uniu ao cortejo. O cadáver foi levado até a porta da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé, da qual João Pedro Teixeira era presidente. Aí, o caixão foi exposto por mais de 40 minutos para a visitação pública. **Os liderados de João Pedro desfilaram ante o seu cadáver para um olhar derradeiro.**

...Depois, o caixão foi levado para o cemitério, **percorrendo as ruas centrais desta pequena cidade**. Nas calçadas, nas portas, pelas ruas centrais desta pequena cidade. Nas calçadas, nas portas, pelas ruas, se postavam as pessoas, que não tinham podido acompanhado o cortejo. Ninguém ficou em casa, todavia. Sapé veio às ruas dar o último adeus ao seu primeiro mártir^x.

Os jornais nos contam que João Pedro foi morto, condição essa que coloca seu corpo e posto a disposição do um espetáculo, espetáculo esse em que não vemos participar sua viúva e nem seus filhos, pois não vemos nenhuma menção aos seus familiares como a sua viúva Elisabeth Teixeira, nem tão pouco aos seus nove filhos, “*mas de que fala os jornais?*” fala de uma grande multidão que se dirigiu para Sapé para ver João Pedro pela última vez, multidão essa que se dividiu, formando pequenos

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

comícios e que o corpo de João ainda fez um desfile pelas ruas de Sapé e que a multidão veio as ruas dar seu último adeus ao seu primeiro mártir.

Segundo Wilson Gomes^{xi} esse acontecimento dessa *escritura* da morte de João Pedro Teixeira não são apenas meros eventos, mas matérias que podem ser submetidos a uma linguagem teatral voltada para a produção de efeitos de ânimo dos expectadores; raiva, indignação, surpresa, comoção, angústia, riso. Do mesmo modo, as pessoas e as relações que fazem parte do fato não são apenas meros conteúdos do evento, mas personagens e suas interações, caracterizadas deste ou daquele modo, envolvidos em relações dramáticas, nas quais são apresentadas aos destinatários da informação. E os destinatários enquanto seus receptores podem enfim, ser caracterizados: são espectadores, apreciadores de uma encenação peculiar. Peculiar a medida em que não apenas quer ser estética, mas também informativa.

No entanto o espetáculo ainda continua no grande “final”: o sepultamento de João Pedro se deu às 16h45min do dia 03 de abril, acompanhado por milhares de pessoas e autoridades de vários municípios paraibanos. Muitas personalidades discursaram naquele dia em homenagem ao líder camponês, entre eles o desembarcador João Santa Cruz (quando o corpo ainda estava na sede da liga de Sapé), o professor Assis Lemos, presidente de federação das Ligas Camponesas, os deputados Osmar de Aquino e Raimundo Asfora, o representante da União Estadual dos Estudantes da Paraíba, Hendrik Costa, e Luiz Bernardo da Silva representante dos operários da cidade.

Assim nesta teatralização, o corpo de João Pedro é tomado por essa polifonia onde cada um quer instaurar sobre seu corpo um lugar para si. Diante de tantas vozes que convergem para o mesmo ponto, ou seja, dá visibilidade a forma como João Pedro Teixeira foi morto. No entanto me interessa deixar visível a fala escrita no Jornal “A União” do deputado paraibano Raimundo Asfora figura essa de grande destaque na política, famoso por sua oratória.

Não vamos enterrar um homem, vamos plantá-lo. Vede: os olhos de João Pedro ainda estão abertos. Eles viram muito, eles viram quase tudo. Agora,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

eles continuarão ainda abertos, e nem a terra, que sempre viveu dentro deles, os fechará.

Pararam teu coração. Sobre eles, trazias algumas cartilhas. O tiro de fuzil, ignóbil e covarde, num percurso diabólico, não apenas arreventou teu peito, mas despedaçou os sonhos de educação^{xii}.

E também no dia 05 de abril, um dia após o sepultamento, foram programados vários atos de protesto na Paraíba. Em João Pessoa, políticos ligados ao movimento dos camponeses, lideranças das ligas camponesas, estudantes, operários, trabalhadores do comércio e profissionais liberais conseguiram reunir mais de três mil pessoas no Ponto de cem reis – local de encontro e debates de intelectuais. E assim neste protesto o jornalista Hélio Zenaide taquigrafa o discurso de Raimundo Asfora que publicado posteriormente no Jornal A União na cidade de João Pessoa e distribuído para todo o Estado da Paraíba. E assim falou Raimundo Asfora:

É inútil matar camponeses. Eles sempre viverão. Antes de morrer, João Pedro era apenas a silhueta de um homem no asfalto mas agora paraibanos, **João Pedro virou Zumbi, João Pedro virou assombração**. É uma sombra que se alonga pelos canaviais, que bate nas portas das casas grandes e dos engenhos, que povoa a reunião dos poderosos, que grita na voz do vento dentro da noite, e pede justiça, e clama vingança, que passeia pelas estradas de Sapé.^{xiii}

Toda essa dramatização da vida e da morte de João Pedro feita pelo deputado campinense Raimundo Asfora se insere numa política muito maior do que os interesses do homem do campo, mas, sobretudo atacar o governador da Paraíba Pedro Gondin, sobretudo quando já se sabia quem tinha sido os mandantes do crime como Aguinaldo Veloso, então aliado do próprio governador. Como muito bem falou Georges Balandier: *“o grande ator político comanda o real pelo imaginário”*^{xiv}.

Raimundo Asfora como um ator político que é coloniza o corpo de João Pedro produzindo uma memória em função dos seus interesses para atacar o governo de Pedro Gondin, assim como também tenta transformar a morte de João Pedro Teixeira num dispositivo de luta. Pois sabemos que nas décadas de cinquenta e início dos anos sessenta o Brasil estava mergulhado num grande debate que mobilizava um grande numero de intelectuais entre reforma ou revolução, fim ou resignificação do latifúndio.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

E João Pedro estava neste movimento, todo espetáculo sobre o seu corpo foi uma maneira encontrada de fazer do seu assassinato como também da sua história, um dispositivo de revolta para os outros. E como uma ruptura do medo. Então é preciso atentar para a narrativa construída por Raimundo Asfora como ele corta e recorta o corpo em função dos seus interesses, transformando o seu corpo como formula Gilles Deleuze e Félix Guattari em um “corpo sem órgãos”^{xv}, um corpo povoado por intensidades com a capacidade de subjetivar seus leitores, corpo esse que emerge pela “narrativa asforiana” um camponês persistente, um Zumbi errante a assombrar seus inimigos em suas reuniões, que grita no território do seu inimigo por vingança. Balandier esclarece esta política de teatralizar o morto da seguinte forma: *Os tempos de crise ou de grandes dificuldades exigem, a um grau superior, uma personalização e uma dramatização do poder.*^{xvi}

Sendo assim podemos ver que Raimundo Asfora ao carregar nas tintas quando escreve uma história para João Pedro se utiliza da história da própria morte e do morto para dar credibilidade ao seu discurso. Seu discurso não cria apenas uma representação do que foi João Pedro, pois como nos fala Wilson Gomes^{xvii} numa análise sobre Aristóteles. Onde o próprio Aristóteles dizia que a representação não era regida pelo critério da fidelidade à realidade; afinal, ela não se destinava a copiar ou reproduzir o real, com isso podemos perceber que critério que rege a teatralização da morte e da história de João Pedro Teixeira é plausibilidade que é interna a própria representação, que consiste na capacidade de envolver o espectador na simulação de forma a que ele aceite o que se represente como razoável a partir do quadro das suas experiências.

Podemos concluir que ao criar representações de João Pedro como o herói camponês podemos ver que a sua representação não reproduz o real, mas deve fazer parecer que faz isto, por meio das próprias estratégias de (re)apresentação que personificam heróis políticos fazendo deles ícones de uma época, território e marcar de história como aconteceu com João Pedro cuja a exploração da sua imagem pelos Jornais da imprensa paraibana o transforma num herói preso a memória coletiva das Ligas Camponesas.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Notas:

ⁱ O texto foi escrito por Hélio Zenaide e Luiz Gonzaga para o **Jornal A União, Terça-feira 03 de Abril de 1962. p. 9.**

ⁱⁱ Idem.

ⁱⁱⁱ SCHWARTZENBERG, Roger – Gerard. **O Estado do Espetáculo.** RJ : Difel, 1978. p. 9

^{iv} Filme feito por Eduardo Coutinho que teve seu começo no ano de 1964 e conclusão em 1986 depois de que o então cineasta finalmente reencontrou Elizabeth Teixeira e terminou de filmar o Filme “**Cabra Marcado para Morrer**”, 1986.

^v CHAUI, Marilena. **Ideologia e Participação popular.** SP: Paz e Terra, 1979. p. 46.

^{vi} A coluna “Aconteceu” do Jornal Correio da Paraíba, escrita por Jório Machado, em 04 de abril de 1962. (Grifos meus)

^{vii} SCHWARTZENBERG, Roger –Gerard. *Op. Cit.* p. 12.

^{viii} Esta fala esta presente em BANDEIRA, Lourdes, et alli (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta:** a vida de Elisabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 13.

^{ix} Jornal A União; João Pessoa; 04/04/1962.

^x Correio da Paraíba: João Pessoa: 1962.

^{xi} GOMES, Wilson. **Theatrum Politicum.** In: Transformação da Política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2007. p. 317-318.

^{xii} Jornal A União: João Pessoa: 04 /04/ 1962. (Grifos meus)

^{xiii} Jornal A União: João Pessoa: 05/04/1962.

^{xiv} BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena.** Trad. De Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Ed Universidade de Brasília, 1982. p. 06.

^{xv} DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. RJ : Ed. 34, 1996. p. 9-10.

^{xvi} BALANDIER, Georges. *Op. Cit.* p. 67.

^{xvii} GOMES, Wilson. *Op. Cit.* p. 318.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jornais do período de 1962:

A União, João Pessoa.

O Norte, João Pessoa.

Correio da Paraíba, 1962.

Livros e Artigos:

ALBUQUEQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Violar memória e gestar a história:** abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. CLIO – Série Arqueológica (UFPE), v. 15, 1994.

AUED, Bernadeth W. **A Vitória dos Vencidos.** Florianópolis, Ed. da UFSC, 1986.

BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena.** Brasília. Ed. UNB, 1982.

BANDEIRA, Lourdes, et alli (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta:** a vida de Elisabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** 2ª Ed. RJ: Forense Universitária, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e Participação Popular.** SP: Paz e Terra, 1979.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. RJ: Ed. 34, 1996.

GOMES, Wilson. **Transformação da Política na era da comunicação de massa.** SP: Paulus, 2004.

PINTO, Júlio Pimentel. **Os muitos tempos da memória.** In: Projeto história: Revista do programa de estudos de pós-graduados em história PUC- SP. EDUC, 1981.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos históricos, Vol. 2, n. 3, 1989.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

PORFÍRIO, W.; LEMOS, A. **João Pedro Teixeira: Paraíba nomes do século**. João Pessoa: Ed. A União, 2000. (Série histórica – nº. 09).

SCHWARTZENBERG, Roger –Gerard. **O Estado do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

RUBIN, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e Política**. SP: Ed. Hacker, 2000.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a escrita da história. 4ª Ed. Brasília, 1998.